

O AMOR HUMANO COMO EXPRESSÃO DO DIVINO NO CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Pedro Vítor Fernandes Damião²

RESUMO

O livro do Cântico dos cânticos possui este título como expressão literal de “o mais belo ou maior de todos os cânticos”. Ele apresenta o superlativo hebraico para falar da superioridade ou grandiosidade de algo. O livro, chamado de o mais belo trata-se do objeto da realidade mais bela: o amor. A beleza expressa no Cântico dos cânticos fala da vitalidade do amor entre dois jovens apaixonados que buscam viver, intensamente, seu desejo um pelo outro. Embora pareça um texto dessacralizado, a transparência poética do livro fala abertamente da riqueza existente no genuíno amor humano. O presente estudo busca entender o amor humano cantado no livro dos cânticos como revelador do divino que se faz presente nas relações. A pesquisa, de natureza qualitativa, visa ler neste escrito sapiencial a beleza da expressão poética do amor entre dois seres humanos confrontando a visão clássica sobre a sexualidade e sua não-sacralidade, provocando a reflexão sobre o lugar do amor humano na esfera religiosa atual e como a leitura crítica das Sagradas Escrituras podem auxiliar no processo de emancipação dos sujeitos humanos envoltos na lógica religiosa restritiva e negativa que não é capaz de enxergar a beleza do humano, lugar de encontro entre a criatura e o criador. Para além de uma leitura espiritualista, o livro do Cântico dos cânticos parece conter uma forte crítica ao moralismo religioso crescente que vê tudo como fonte de pecado, como algo de que se proteger. Nesse intuito, para além, de uma leitura metafórica do escrito em questão, este estudo pretende ressaltar o valor e a vivacidade do texto para atualidade, contribuindo assim com uma leitura do texto sagrado que não minimiza sua força.

PALAVRAS-CHAVE: Cântico dos cânticos. Amor. Sexualidade. Deus. Divino.

1 INTRODUÇÃO

A beleza do livro do Cântico dos cânticos, que possui este título por causa da expressão literal de “o mais belo ou maior de todos os cânticos” presente na língua hebraica. Assim está assinalado o superlativo hebraico para falar superioridade ou grandiosidade de algo. O mais belo cântico trata do objeto da realidade mais bela: o amor. O belo expresso no Cântico dos cânticos é fruto do amor/desejo entre dois jovens, um homem e uma mulher, apaixonados um pelo outro e que buscam viver, intensamente, um pelo outro.

² Licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Mossoró/RN e bacharelado do curso de Teologia da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte – FCRN, Mossoró/RN – Email: pedrovito.pv48@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/8457362572537415>.

Embora faça parte do cânon bíblico, tanto para judeus como para os cristãos, o texto parece ser dessacralizado. A transparência poética do livro fala abertamente da riqueza existente no genuíno amor humano que vive todas as dimensões do relacionamento entre duas pessoas. Desse modo, o presente estudo busca compreender como o amor humano cantado no livro dos cânticos pode ser lido como revelação do divino.

A pesquisa de natureza qualitativa visa ler neste escrito sapiencial a beleza da expressão poética do amor entre dois seres humanos confrontando a visão clássica sobre a sexualidade e sua não-sacralidade, provocando a reflexão sobre o lugar do amor humano na esfera religiosa atual e como a leitura crítica das Sagradas Escrituras pode auxiliar no processo de emancipação dos sujeitos humanos envoltos em lógicas religiosas restritivas e negativas que não são capazes de enxergar na beleza humana o lugar do encontro entre o criador e sua criatura.

Para alcançar este objetivo tomam-se como recurso metodológico a pesquisa de natureza qualitativa de procedimento bibliográfico pelo qual se pretende compreender e explicar a temática do texto bíblico como sugere seu título, “o mais belo cântico”, buscando nele as referências ao caráter humano da obra. Assim o estudo tem como fundamentação básica o Cântico dos cânticos, o comentário do Moisés Santos (2019), a introdução ao Cântico de Luca Mazzinghi (2011) e o comentário de Gianmarco Catacchio (2022).

Para além de uma leitura espiritualista, o livro do Cântico dos cânticos parece conter uma forte crítica ao moralismo religioso crescente que vê tudo como fonte de pecado, como algo de que se proteger. Nesse intuito, para além, de uma leitura metafórica do escrito em questão, este estudo pretende ressaltar o valor e a vivacidade do texto para atualidade, contribuindo assim com uma leitura do texto sagrado que não minimiza sua força.

2 O MAIS BELO CÂNTICO

Uma primeira consideração ao texto diz respeito ao seu título. Já no primeiro versículo do livro (cf. Ct 1,1), aparece a expressão “o mais belo dos Cânticos”. Dela vem o título do livro que recebe este nome por causa do superlativo hebraico que designa justamente o maior ou o mais belo, assim como uma outra expressão, esta bem conhecida, de “santo dos santos”. Há também a justificativa do título a partir do conteúdo do livro: o amor. O amor entre dois jovens que cantam a beleza e a alegria desse mesmo sentimento (cf. Ct 3,11;4,10).

A antiga tradição de Israel considerava Salomão como o autor dos textos sapiências e por isso ele é tido como o patrono da sabedoria israelita. Também no primeiro versículo do livro aparece a menção de Salomão como autor do texto. Porém, hoje é difícil sustentar essa possibilidade. Trata-se mais provavelmente de uma obra pseudoepigrafada, técnica literária recorrente nos escritos bíblicos que atribui a obra a alguém importante para a história do povo, dando notoriedade ao livro.

O livro do Cântico dos cânticos é atribuído ao período persa, anterior ao séc. V a.C., embora seja possível que uma parte dele seja fruto do período pré-exílico. Alonso Schökel defende que não é possível identificar o autor ou os autores da obra, “nem tampouco sabemos com exatidão quando e onde foi escrito” (SCHÖKEL apud SANTOS, 2019, p. 983). Se levada em consideração a autoria salomônica, um ambiente possível seria o do séc. III a.C., junto a Eclesiastes. Desse modo, “o livro seria uma resposta hebraica à visão helenista do amor humano” (SANTOS, 2019, p. 983).

Moisés Santos, ao introduzir o livro na edição de estudos da Bíblia Sagrada Ave Maria, afirma que “o amor emblemático no encontro do casal é o dom divino coligado com a Terra Santa. O amor humano é participação no amor do Criador e Salvador que fez e doou a Terra Santa a seu povo. Há uma chama do amor divino no amor humano (cf. 8,6)” (2019, p. 983), assim

Os protagonistas deste texto são dois jovens que se procuram, encontram-se e perdem-se para voltar a reencontrar-se num contínuo jogo de aproximações e partidas que se seguem e se entrelaçam. Os dois amantes vivem todas as fases da experiência amorosa; quando eles se

perdem, desejam-se ardentemente, quando se encontram, são raptados no êxtase da recíproca descoberta erótica, cuja força anula tudo o que se encontra ao seu redor e os transpõe para uma dimensão fora do tempo e do espaço. (CATACCHIO, 2012, p. 2).

O grande poema de amor do livro conta a história de dois amantes vivem o seu amor na Terra Prometida. Vivem todas as fases do amor com suas consequências. Se aproximam e distanciam; a cada encontro cresce o desejo um pelo outro. Um dado que chama muita atenção no livro, é o fato dele não tratar diretamente de Deus. Luca Mazzinghi (2011, p. 10) afirma que o nome de Deus só aparece uma vez, em Ct 8,6, e mesmo assim está oculto como um sufixo de “chama”.

Outro detalha importante é que o texto não se justifica sobre a hipótese de sustentar o casamento como uma instituição muito menos se preocupa em falar abertamente de filhos: “*Non si parla mai direttamente di matrimonio come istituzione, benché i protagonisti del Cantico siano indubbiamente due sposi, e meno ancora si parla apertamente di figli*”³ (MAZZINGHI, 2011, p. 10).

Surpreende que um texto tão dessacralizado esteja presente no cânon bíblico. Tanto para judeus como para os cristãos, o livro do Cântico dos cânticos é concebido como inspiração divina: “isto significa que muito provavelmente nos encontramos perante um livro que objetivamente possui um certo valor espiritual e transcendente intrínseco nele” (CATACCHIO, 2012, p. 3).

O Cântico dos cânticos pertence ao terceiro bloco do cânon hebraico. Os *Escritos*, como convencionou-se chamar a parte da Bíblia hebraica reservada à literatura sapiencial. “Cada uma das partes concentra um tipo de linguagem peculiar” (SCHWANTES, 2008, p. 57). A primeira parte, chamada de *torah*, ou seja, a lei, privilegia a narração dos eventos de Deus na história do seu povo, bem como a lei dada através de Moisés. A segunda, os *nebi'im* designa os escritos proféticos. E a terceira, os *Ketubim*, os *Escritos*, dão atenção à sabedoria.

³ “Nunca se fala diretamente do casamento como instituição, embora os protagonistas do Cântico sejam sem dúvida dois esposos, e muito menos se fala abertamente dos filhos”.

Os Escritos/*Ketubim* são marcadamente sapienciais. Ao se consolidarem em tempos pós-exílios tardios, a religião por eles patrocinada era basicamente sábia; era sábia nos conteúdos reunidos e era sábia porque, nestes tempos, a exegese, a interpretação de textos, foi tomando conta da prática e do entendimento da religião. (SCHWANTES, 2008, p. 57).

O gênero literário do Cântico dos cânticos parece não ter uma estrutura unificada. “É preferível interpretá-lo como uma coleção de poesias ao amor, originalmente independentes, mas que, depois, foram reunidas sob a temática do amor entre o homem e a mulher” (SANTOS, 2019, p. 984). A unidade literária da obra foi colocada em questão no passado por ter sido muito fragmentado. Assim o Cântico pode ser visto como uma coleção de poemas independentes (MAZZINGHI, 2011, pp. 10-11).

Uma consequência direta dessa proposição seria a de atribuir a autoria desses diversos poemas a autores distintos e anônimos. “È invece possibile dimostrare che nel Cântico esiste un'unità di autore per una lunga serie di motivi⁴” (MAZZINGHI, 2011, p. 11). A presença de refrãos em toda a obra; motivos simbólicos constantes como o jardim (4,12-16; 5,1;6,2); a vinha (1,6; 8,11-12); as flores de papoula (2,1.2.16; 4,5; 5,13; 6,2-3; 7,3); a romã (4,3.13; 6,7.11; 7,13; 8,3). Ainda uma série de outros termos que permitem a inferências de uma unidade na obra.

Luca Mazzinghi, em seu comentário, propõe uma estrutura “sinfônica”, harmonizando os temas da criação, queda/exílio e redenção. Eis a estrutura:

Título (1,1)

A. PRÓLOGO. DESEJO MÚTUO (1,2-2,7)

1,2-4 O beijo (primeiro verso)

1,5-6 Guardando as vinhas (segundo verso)

1, 7-8 Siga as pegadas do rebanho! (terceiro verso)

1,9-14 Dueto e noturno (quarto verso)

1, 15-17 A casa do amor (quinto verso)

⁴ “Ao contrário, é possível demonstrar que no Cântico há uma unidade de autor por uma longa série de razões”

2,1-3 Entre flores e árvores (sexto verso)

2,4-7 A casa do vinho (verso sétimo)

B. DOIS CANTOS DO AMADO (2,8-3,5)

2,8-17 Primeira música: chegada da primavera

3,1-5 Segunda canção: noite de busca e descoberta

A PROCISSÃO NUPCIAL DO REI SALOMÃO (3,6-11)

C. A PRIMEIRA CANÇÃO DE SEU CORPO (4,1-5,1)

4,1-7 Como você é linda!

4,8-15 Ó minha irmã, case-se!

4,16-5,1 Cheguei ao meu jardim...

D. J CANÇÕES DE SEPARAÇÃO E RECUPERAÇÃO (5,2-6,3)

5,2-8 A separação

5, 9-16 A canção do seu corpo

6, 1-3 A descoberta

C'. NOVAS CANÇÕES DE SEU CORPO (6,4-7,11)

6,4-12 Festa da amada

7,1-11 O desejo dela

B'. ÚLTIMAS CANÇÕES DO AMADO (7, 12-8,4)

7, 12-14 Amor vivido na natureza

8,1-4 Amor na casa da mãe

A'. VITÓRIA DO AMOR E EPÍLOGO DO POEMA (8,5-14)

8,5-7 Como um selo em seu coração ...

8,8-14 Epílogo

Não há consenso quanto à estrutura ou mesmo ao número das unidades poéticas do Livro dos Cânticos. Em geral, é um texto cujo o drama conta o amor de dois personagens principais: a Sulamita e seu amado. “O falante principal é a mulher; o homem aparece tanto como pastor (1,7) quanto como rei (1,4.12)” em uma ficção comum na literatura (MURPHY, 2007, p. 914).

3 O AMOR HUMANO COMO EXPRESSÃO DO DIVINO

O Papa Francisco afirmou em uma entrevista que “O prazer de comer serve para manter uma boa saúde, da mesma forma que o prazer sexual serve para embelezar o amor e garantir a continuidade da espécie. O prazer de comer e o prazer sexual vêm de Deus” (VEIGA, 2020, documento não paginado). Esta afirmação está no livro “TerraFutura: Dialoghi con Papa Francesco sull'Ecologia Integrale” que faz parte de uma coletânea de entrevistas ao Papa pelo jornalista Carlo Petrini feitas.

Esta sentença do Papa, feita em 2020 a um jornalista italiano, pode ajudar nesta reflexão sobre o amor, sobretudo o amor humano como expressão da beleza, como expressão do Divino. O Papa disse que “o prazer vem diretamente de Deus” (VEIGA, 2020, documento não paginado). À primeira vista assuta até os cristãos mais abertos. Parece que a principal dificuldade em entender e aceitar esta afirmação reside na linguagem religiosa que insiste em demonizar a humanidade com sua corporeidade e tudo que lhe é próprio.

O pensamento de Francisco continua reforçando que tal afirmação não é fruto do pensamento católico ou do cristianismo, “é simplesmente divino” (VEIGA, 2020, documento não paginado). Moisés Santos, citando Antônio Bonora, reafirma a fala do Papa ressaltando que “a beleza difusa do universo se concentra no microcosmo do corpo do homem e da mulher” e portanto, “o Cântico é obra de um poeta que sabe ler o mundo com os olhos de Deus [...]”. (SANTOS, 2019, p. 983).

Redescobrir o divino, no humano, é a tarefa sutil de encontrar beleza no amor que brota do desejo genuíno entre um homem e uma mulher; em relação ao Cântico dos cânticos, seria melhor se referir ao amor entre uma mulher e um homem, como comentou Gianmarco Catacchio:

[...] o Cântico é um texto sagrado e deve-se de alguma maneira justificar este dado, se pensarmos que, além de ser um texto que trata de um assunto maximamente terreno, qual o amor entre um homem e uma mulher – melhor, veremos, entre uma mulher e um homem –, nele estão presentes uma quantidade de referências sexuais, até eróticas, que em tudo fariam pensar, menos que num livro da Bíblia. (CATACCHIO, 2012, p. 3).

Este indicativo deve provocar o leitor atento a encontrar neste texto sua beleza e riqueza tantas vezes ofuscadas, além de ter a força de sua mensagem atenuada por leituras que não correspondem às intuições presentes na obra. “O Cântico celebra o amor, e o amor pertence a Deus, que o doa ao homem. Se Deus é amor, o amor sensual humano deve ter qualquer relação com o amor divino. Ambos os níveis de amor estão presentes no Cântico.” (SANTOS, 2019, p. 984).

No decorrer do tempo, foram feitas outras diversas leituras sobre o Cântico dos cânticos, que se justificam pelas muitas formas de amar presentes nas realações humanas, assim “*se l'uomo non fosse fatto per vivere e rappresentare tutti i gradi di realtà dell'amore, non ci sarebbero tante interpretazioni dell'amore del Canto*”⁵ (CERONETTI 1975, p. 59 apud CATAACCHIO, 2012, p. 4).

É possível distinguir duas linhas interpretativas neste estudo, que por razões metodológicas podem oferecer base para a reflexão proposta. A primeira linha seria a da interpretação alegórica do livro do Cântico dos cânticos. A segunda, a leitura crítica ou literal. Importante ressaltar a necessária “dose” de exegese crítica para evitar o risco de uma leitura fundamentalista e literalista do texto sagrado.

A interpretação alegórica é a primeira e mais tradicional do Cântico. Ela “remonta ao início da exegese judaica e cristã e ainda é difundida até os dias de hoje” (SANTOS, 2019, p. 984). Essa chave hermenêutica entende o Cântico como celebração do amor de Deus por seu povo. Na literatura cristã e dos Santos Padres, a Sulamita é como a Igreja (a esposa), e o amado como Cristo (o esposo). Seria ainda possível considerar dentro da literatura cristã a leitura espiritual na qual o Cântico fala da relação da alma humana (amada) com Deus (o amado).

Embora essa exegese tenha feito história, tanto na tradição da Igreja como entre místicos, como João da Cruz, essa interpretação é vista por boa parte dos exegetas como muito artificiosa. Na visão desses estudiosos, parece que a ideia de fundo seria, sim, a tentativa de transformar em livro religioso um livro profano. O argumento mais convincente dessa contraposição à interpretação alegórica é que nenhum indício do texto, diferentemente dos livros dos profetas,

⁵ “[...] ‘se o homem não fosse feito para viver e representar todos os graus de realidade do amor, não haveria tantas interpretações do amor do Cântico’”.

autoriza seguramente semelhante interpretação simbólica. (SANTOS, 2019, p. 984).

Já a interpretação literal enxerga no Cântico “uma obra sobre o amor entre o homem e a mulher. O sentido literal é o sentido verdadeiro do Cântico” (SANTOS, 2019, p. 984). Esse modo de interpretar é coerente com o caráter inspirado do texto bíblico, bem como com o seu sentido religioso, pois, “enquanto o amor humano é uma realidade criada por Deus”, não pode estar dissociada de sua origem, de onde provém e onde encontra sua manutenção (SANTOS, 2019, p. 984). E é fato que

O expediente poético mais utilizado no Cântico é [...] a metáfora. Esta não é, porém, do tipo ao qual os leitores ocidentais estão acostumados: *“mentre nella tradizione poetica occidentale la metafora ha prevalentemente una dimensione _visiva’, in quella orientale essa ha anzitutto una dimensione funzionale”* (ZAPPELLA, 2010, p. 34 apud CATACCHIO, 2012, p. 11)

De fato, a “interpretação literal considera o Cântico sob a perspectiva da teologia da criação, âmbito próprio da teologia sapiencial. Para os sábios, a experiência do mundo, mesmo do amor humano” (SANTOS, 2019, p. 984) e assim é possível fazer uma experiência verdadeira de Deus.

Quem, todavia, não crê no amor humano integral, quem não crê no corpo humano, quem não crê na chama divina do amor que emerge do coração da mulher e do homem, não pode crer no amor de Deus por seu povo, por todos os homens. Não é possível afirmar o valor autêntico do amor de Deus desprezando, desvalorizando ou simplesmente ignorando o amor humano. (SANTOS, 2019, p. 984).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa, foram levantadas diversas questões sobre a urgência de trazer para o universo teológico as questões referentes à sexualidade, à corporeidade, ao prazer e à beleza presentes nas relações humanas, sem impor sobre tudo isso com

⁶ “Enquanto na tradição poética ocidental a metáfora tem essencialmente uma dimensão _visual’, naquela oriental ela tem antes de mais uma dimensão funcional”

preconceito e insegurança. Antes de tudo, é preciso reconhecer a beleza da criação, coisa que o próprio criador fez ao concluir sua obra, mas que o homem e a mulher, sobretudo os homens religiosos, tentam esconder.

O livro dos Cânticos parece ter passado despercebido pelos olhos atentos daqueles que legislam sobre a canonicidade ou não de textos tidos como sagrado. Uma obra que não fala de Deus, diretamente, que não serve para justificar o matrimônio, nem se preocupa em falar de sexo como ato em vista da geração de filhos, não poderia fazer parte dos textos de um grupo religioso. Porém, a mensagem do Cântico dos cânticos revela as tendências religiosas tradicionais que não enxergam a beleza e a riqueza do amor humano

Ele não reduzir a sexualidade ao pecado ou a algo proibido. O livro não quer censurar passagens ou imagens que remetam à sexualidade. Antes quer apresentar, na linguagem do amor humano, a maneira de Deus se comunicar e se revelar à sua criação, fazendo-a participar de seu agir amoroso que gera vida e beleza, assim como canta Armandinho: “quando Deus te desenhou, Ele tava namorando, na beira do mar, na beira do mar do amor”.

5 REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada Ave Maria**: edição de estudos. São Paulo: Editora Ave Maria, 2019.

CATACCHIO, Gianmarco. O Cântico dos Cânticos, ou a sacralidade do amor humano no mais terreno dos livros sagrados. Estrema: revista interdisciplinar de humanidades 1, 2012. Disponível em: www.estrema-cec.com. Acesso em: 17 out. 2022.

MAZZINGHI, Luca. **Cantico dei cantici**: introduzione, traduzione e commento. Milano: Edizioni San Paolo, 2011.

MURPHY, Roland E. Cântico dos Cânticos in **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**: Antigo Testamento. São Paulo: Ed. Academia Cristã Ltda; Paulus, 2007.

SCHWANTES, Milton. Sabedoria: Textos periféricos? Revista **Estudos de Religião**, Ano XXII, n. 34, 53-69, jan/jun. 2008.

VEIGA, Edison. Cântico dos Cânticos: o livro erótico que está na Bíblia Sagrada. BBC News Brasil. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54239999>. Acesso em: 23 dez. 2022.